

[ISABELLA PEZZINI]

Professora de Filosofia e Teoria da Linguagem na Universidade Sapienza de Roma. Interessa-se pelas relações entre estética e as disciplinas linguísticas e semióticas da filosofia da imagem e do estatuto biopolítico entre a técnica e a estética.

E-mail: isabella.pezzini@fastwebnet.it

“Trucche trucche”, o lema do Roma em 2001¹

“Trucche trucche” was the Roma slogan in 2001

[resumo] O texto propõe a análise do corpo do torcedor que se torna uno, arrebatado pela paixão e conquista do campeonato e que invade a cidade e os espaços em festas ritualísticas.

[palavras-chave]

torcedor; corpo; partida de futebol.

[abstract] This text proposes an analysis of the fan body that becomes just one body snatched by the passion and the victory status derived from the championship, invading the city and many places in ritualistic parties.

[key words] fan behaviors; body; soccer matches.

Arrepios quentes

Paixão, sem dúvida, a palavra-chave ao se referir e descrever a explosão de prazer, a preparação e a longa duração da grande festa "vermelho-amarela" de alegria em Roma, no dia 17 de junho de 2001, por ocasião do campeonato, até aquele dia, por superstição chamado de "trucche trucche"². Um termo denso que inclui, exprime e resume a história da longa espera dos torcedores e seu sofrimento que alternava esperança e temor – não por acaso, Luisa Valeriani³ trata especificamente dos termos de uma "história sagrada" – e a atitude de milhares de pessoas ao viver aquele evento, por sua dedicação, sua tenacidade, sua total disponibilidade para se colocarem no jogo e, sobretudo, por colocarem em jogo os próprios corpos, a própria energia em uma festa que foi considerada total, ou seja, vivida sem reservas, sem parcimônia. O que pessoalmente me impressionou naquele domingo assim que a partida terminou, foi a necessidade física daquelas pessoas de saírem para as ruas, correrem, de sacudirem bandeiras, bandeirolas, insígnias de todo tipo e de participarem de toda forma, trombando umas com as outras, cantando rumo ao "centro" simbólico da cidade, a Praça do Povo, transformando quase repentinamente as margens do Tibre em engarrafamento de uma multidão pulsante, rumorosa, satisfeita e entusiasmada.

Pareceu-me um sair extraordinário, porque imediato, palpável, de um fenômeno de paixão coletiva extremamente "caloroso"; digamos totalmente "aquecido" e tão mais "aquecido" se confrontado com o "morno", de outra recente ocasião, já um tanto esquecida, de se exprimir paixões coletivas "clássicas", a política, na qual – não por acaso – o marketing e as comunicações de pelo menos dez anos tentaram injetar a modalidade copiada que é própria do torcedor do futebol.

A torcida tem uma paixão eminentemente coletiva em que se esquecem as diferenças radicais das paixões coletivas em respeito às paixões individuais. Há, por exemplo, que se reconstruir a especificidade do percurso que leva à construção de seu "sujeito"; um percurso que não é de forma alguma evidente, pelo menos a julgar por seus resultados, que são os da formação de uma entidade total, diferente da unidade que a compõe. Não uma unidade participativa, resultante da soma dos indivíduos, mas uma integração das partes entre si, para,

na realidade, formarem um corpo, para terem uma cabeça e um coração próprio, ser ou ter um *sensorium communis*. Um espírito de corpo, de fato. Os sujeitos coletivos sempre inspiraram desconfiança e medo, interesse e cálculo. A julgar pela maioria dos termos que são usados para indicá-los, até no caso do futebol: a multidão, a massa, a horda, o povo. Sujeitos, em realidade, pensados como passionais no sentido do eminentemente excessivo; momento de soma, em que o equilíbrio e o controle das paixões, objetivo clássico da socialização cultural do indivíduo, são abandonados por uma paixão cega, uma paixão tal que se opõe à razão, cuja forma explosiva que arrasta e destrói é, de fato, uma forma da passividade.

No caso dessa festa quando o Roma conquistou o campeonato, ao contrário, um dos dados interessantes é que nela se constituiu um verdadeiro sujeito coletivo, protagonista, capaz de viver, gerenciar e exprimir com competência as próprias emoções: é testemunho disso o balanço dos pouquíssimos danos ocorridos às pessoas e às coisas, como se "Roma", o time, a cidade, os torcedores e os seus habitantes fossem, de repente, um só.

A voz das emoções

Em um artigo intitulado *Metropoli e spettacolo*, Alberto Abruzzese, comentando o desencadear das emoções pelo futebol, interrogava-se em certo ponto sobre a então detectável falta de uma voz social das informações, "de modo a realizar o que a tragédia grega (representação do sacrifício) foi e conseguiu ser a respeito da violência dos ritos pagãos (execução do sacrifício)" (ABRUZZESE, 1995, p. 48). O extraordinário conjunto das redes, de vozes que emergiram assim que concentramos nossa atenção naquele evento, provavelmente já começa a fornecer uma resposta.

Se o sujeito da celebração a qual me referi é o corpo, é fundamental que este tenha voz. Trata-se de uma voz polimorfa, que valeria a pena estudar melhor em suas diversas manifestações. Gostaria de me concentrar somente em um exemplo, aquele construído a partir do diálogo entre os torcedores e o *speaker* oficial do Roma no Estádio Olímpico, Carlo Zampa, chamado como "the voice", inventor de um antiestilo de crônica, famoso, por exemplo, por seus anúncios e comentários, pelos apelidos, sobrenomes e pelos epítetos designados a cada jogador – chamado no início da partida pelo sobrenome, em contraponto com o grito do nome por parte dos torcedores.

Na ocasião do campeonato, Zampa recolheu suas intervenções – alternando com os trechos musicais do Roma e sobre o Roma – em um CD "oficial", *Roma Campione d'Italia*. Se escutarmos o início da gravação, perceberemos que nesses poucos segundos acontecem várias coisas. Podemos dizer que Zampa se comporta como o público dos torcedores, como um maestro de orquestra, e que ele dirige a torcida (e o modelo, recordemos, é o filme de Fellini⁴, e depois aquele do ditador de sua multidão acéfala). Mas basta ampliar apenas a fenomenologia da escuta para compreender que, na realidade, Zampa é, antes de tudo, o próprio órgão vocal do povo alegre, ator coletivo do qual ele próprio é parte integrante, porém, em sua cena de partida, assume o papel do modulador passional; papel este que leva adiante com figuras ou gestos vocais específicos, às vezes até com interjeições, de forma a interpretar ou dramatizar os vários momentos da partida, do aquecimento do diálogo a distância ("Estão aí? siiiiim", "façam-me sentir que estão aqui! Siiiiim") e do introito inicial (o anúncio da formação) na exultante iteração/duração para o gol ("gol gol gol gol gol goooooooooooooo!!!!!!"). A partida jogada no campo não vem a ser simplesmente uma representação manifesta em blocos de um som – a antiga radiocrônica –, mas é uma história apaixonada, dominada pela urgência do tempo, na qual se corre o risco de integrar o público do estádio ao público mediático, não com paixão bruta, mas com paixão sabiamente articulada, cujo plano da expressão é constituído das vozes que se cruzam, gritam, vocalizam, jogando com as questões da aspectualidade (duração, tonicidade, picos sonoros pontuais, repetições, tensões, distensões). Escutando bem o modo de trabalhar de Zampa, percebemos que seria superficial falar dele como um cronista atípico, muito passional ou de novos gêneros, o cronista-torcedor; parece-me, na verdade, que o trabalho dele é extremamente atencioso e rico de matizes no jogo expressivo das emoções.

Não por acaso, no prefácio do CD, Zampa fala sobre a importância do casamento entre o futebol e a música como possível "antídoto" para o desencadear da violên-

cia nos estádios. Também, segundo a hipótese semiótica de Fabbri (1998 p.142), "a passionalidade é a imediata forma do conteúdo que tem como forma de expressão o ritmo da música", música e paixão compartilhando o ritmo como medida da angústia do tempo que organiza a experiência humana.

Os ritmos da paixão são os da voz, da música, do corpo. Pensamos na dança, mas, sobretudo, na "ola" dos estádios: não se trata aqui tanto de observar que diversos sistemas de signos (musicais, linguísticos, espaciais, gestuais, icônicos etc.) serão colocados a campo para exprimirem a paixão esportiva, e sim de tentar descrever as formas passionais articuladas que o torcedor assume em sua estruturação interna abrangente e complexa, nos processos que origina, nas cadeias sinonímicas que possa gerar, nas transformações narrativas que engendra ou que são efeitos.

Compreender o "extremo prazer" do torcedor vencedor significa também avaliar plenamente o componente estésico, sensorial e sensível que é liberado no rito do futebol. Como se diz, não há paixão sem corpo; ela provoca mudanças de estados físicos no corpo e em sua percepção: o corpo dá cor e sangue à paixão, lhe dá forma e gosto.

O corpo torcedor é uma metáfora concreta da paixão: explode de alegria, se expande, se solta na cidade, ferve em seus arrebatamentos, se alegre, se cansa, se acalma.

NOTAS

^[1] Tradução de Adriano Messias e Kathia Castilho.

^[2] Expressão italiana que pode ser traduzida como truque, magia. N.T.

^[3] Luisa Valeriani é professora de Arte na Academia de Belas Artes de Roma, e de Sociologia da Arte e da Moda na Faculdade de Ciências da Comunicação da Universidade La Sapienza em Roma. A partir de uma consideração sobre a vanguarda histórica como fulcro das linguagens da mídia contemporânea, escreve sobre cinema, metrópole, arquitetura, moda e consumo, além das relações entre estética e religião e cultura de rede.

^[4] A autora está se referindo a *Ensaio de Orquestra (Prova d'Orchestra, Federico Fellini, 1978)*, em que durante um ensaio de uma orquestra sinfônica, uma estação de televisão aparece para filmar e entrevistar os músicos. É nas entrevistas que surgem rusgas pessoais e se levantam competições entre os instrumentistas, assim como a antipatia para com o maestro. N.T.

REFERÊNCIAS

ABRUZZESE, Alberto. *Viaggi di ritorno: saggi sulla comunicazione (1981-1993)*. Bolonha: Progetto Leonardo, 1995.

FABBRI, Paolo. *La svolta semiótica*. Roma: Laterza, 1998.